

Educação e espetáculo em tempos de reformas neoliberais

Alex Sander da Silva¹
Thalia Estevam²

CECHINEL, André; MUELLER, Rafael Rodrigo. **FORMAÇÃO ESPETACULAR!:** educação em tempos de base nacional comum curricular. Salvador: Edufba, 2022. 209 p.

As discussões em torno do tema Base Nacional Comum Curricular, surgiram no Brasil antes mesmo da construção do documento no país, mas vêm aparecendo com mais frequência após a publicação do mesmo no ano de 2017. Isso ocorre por conta da tentativa de adaptação dos professores ao conteúdo ali presente, como também por reflexões surgidas após leituras detalhadas deste documento na academia. Tais situações apontaram para outros períodos históricos, e para vertentes da educação que desde muito antes já discorriam sobre uma possível “universalização” do currículo na educação nacional.

Com o intuito de pensar os paradoxos da formação caracterizada como um “espetáculo” das atuais configurações neoliberais na educação brasileira, André Cechinel e Rafael Rodrigo Mueller (professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc) escreveram o livro publicado em 2022 e intitulado “FORMAÇÃO ESPETACULAR! Educação em tempos de base nacional comum curricular”, objeto da presente resenha. Para isso, além de prefácio e introdução, a obra é dividida em duas grandes partes: I e II, que possuem subdivisões internas e são seguidas de algumas considerações finais, totalizando duzentas e nove páginas.

Logo no início, o prefácio do professor Lucídio Bianchetti, apresenta o conteúdo de maneira enfática e condizente, de modo a fixar no leitor a vontade de continuar a leitura, pois emerge debates sobre as reformas educacionais, que segundo o texto, cooperam para a manutenção das condições sociais vigentes. Além disso, o trecho cita “A sociedade do espetáculo”, de Guy Debord (1997), que se faz bastante presente ao longo de todo o livro,

¹ Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Criciúma/SC. Brasil. E-mail: alexanders@unesc.net
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0945-9075>

² Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma/SC. Brasil. E-mail:
thaliaestevam97@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0397-1561>

relacionando as características da obra citada à uma educação do espetáculo, cerne do livro resenhado. Já no prefácio se percebe críticas à profissionalização compulsória apelada pela Base Nacional Comum Curricular e o fiel compromisso com uma formação humana justa e transparente sobre seus objetivos.

A introdução do livro “Formação Espetacular” inicia contrapondo o Novo Ensino Médio, colocando que a existência de escolha por parte dos alunos nesse formato, é premissa de um currículo que não possui currículo, portanto, a “escolha” teria caráter ilusório. Introduce também uma posição de recusa a objetivos empresariais e financeiros na educação, já que isto raramente visa a formação integral e ativa dos estudantes, mas sim a um adestramento mecânico para total ajustamento àquilo que já está posto. Assim, para entendimento do objeto, cabe analisar um trecho das considerações finais do livro, o qual Cechinel e Mueller (2022, p. 193) afirmam que “a tese de que a formação deve se ajustar ao tempo presente, aos valores e à realidade do mercado, é sempre uma evidente falácia que conduz à própria negação da educação [...]”.

O início da obra, de certo modo, nos antecipa para uma de suas conclusões. Faz perceber que por trás das narrativas das atuais reformas educacionais, existem propósitos que não ficam evidentes no primeiro olhar para aqueles que delas participam. Ou seja, as reformas também fazem parte do espetáculo, elas mesmas atuam (e mostram somente o que lhes convém). Já as diferenças da participação da educação neoliberal em seu próprio espetáculo, para a participação das crianças e adolescentes são que, o mergulho dos estudantes é inconsciente e os resultados só privilegiam o outro lado.

Na primeira parte, intitulada “EDUCAÇÃO E ESPETÁCULO” Cechinel e Mueller dão ênfase em pensadores e escritos que compõem a base teórica da temática, de modo a apresentar conceitos, categorias e acontecimentos que sustentam e costuram todo o percurso da obra. Deste modo, salientam de início uma característica da formação espetacular que se dá pela educação como falso negativo (título de um dos subtópicos), esta que, valoriza o ato educativo de forma emblemática, excessivamente positiva, produtiva, e atrelada à uma falsa sensação de salvação, a qual segundo eles, nem mesmo poderia proporcionar.

Frequentemente, o livro apresenta a relação que estas configurações têm com o sistema capitalista e com a preparação para o trabalho, o que acaba por reproduzir periodicamente as mesmas condições de vida. Assim, os autores demonstram uma crítica contundente aos intensos investimentos na educação (por estes preceitos), os quais resultam na “[...]“mais-educação espetacular” – a valorização do valor integrada à educação –, que cada vez mais expressa cumulativamente menos as possibilidades de uma formação humana integral objetivada no plano do cotidiano[...]” (CECHINEL; MUELLER, 2022, p.41).

Ao longo do texto, a educação nas formas espetaculares é contextualizada em condições como as da Reforma do Novo Ensino Médio, do movimento Escola sem Partido, e obviamente da própria Base Nacional Comum Curricular, que serviu como fundamento para as inquietações dos autores. Porém, os posicionamentos se fixam ao enfatizar detalhes da formação espetacular *per se*, sobretudo no tópico “As protoformas do espetáculo”, constituinte da Parte I. De acordo com o livro em questão, ela se configura com um exagerado uso dos sentidos pois preconiza aquilo que é imediato e aparente (o que gera desprezo à reflexão); e baseia o progresso pessoal em resultados, podendo até reforçar crenças meritocráticas e competitivas.

O Excurso I da primeira parte, tem o caráter político ainda mais acentuado que os anteriores, e traz uma crítica àquilo que determinam como “A violência da Metrópolis harmônica”, caracterizando a formatação da política neoliberalista nos termos educacionais. Iniciam fazendo objeções ao então governo do Brasil (2022), extrema direita que aparentemente participou no aumento do nacionalismo discriminatório entre a população. Esta colocação se demonstrou indispensável, pois em seguida os autores apontam a crescente universalização do particular no país, decorrendo no aumento da naturalização de desigualdades sociais (fato que deriva também do citado modelo de educação para conformação).

Como a intenção da obra é relacionar as suas colocações à uma formação do espetáculo, Cechinel e Mueller citam como este modelo conservador descarta do sistema tudo aquilo que move-se no sentido de ruptura, que possua identidades instáveis e que não demonstre total prontidão. Citam também que estes movimentos são característicos de momentos variados de crise, e acabam por limitar o ensino à profissionalização, para que

ocorra a sustentação dos valores burgueses. Com fim de embasar a situação, o livro destaca a tríade formativa de Johann Heinrich Pestalozzi, onde o famigerado desenvolvimento de “coração, cabeça e mãos” aponta ocorrências muito anteriores, de uma formação que se diz “integral” mas acaba formando para o trabalho.

Já no Excurso II, não por acaso denominado de “Um brinquedo improfanável”, a obra apresenta um “parque temático” para crianças, que remete à uma cidade com muito do que possa possuir, expondo precocemente a infância ao funcionamento da forma trabalhista, própria da vida adulta. Designado de “KidzMondo”, o “brinquedo” causa estranhamento aos autores, que relacionam-o à uma possível disrupção do desenvolvimento humano infantil, por intenções puramente econômicas. Para mais, chamam a atenção do leitor à Câmara Mirim que ocorreu pela primeira vez no Brasil em 2006, com a intenção de colocar algumas escolhas políticas como responsabilidade das crianças. Os autores atribuem a casos como estes a fragilidade do processo educativo, e demonstram com a preocupação mercantil e com a adultização, algumas das formas do espetáculo atual, em tal grau debatido.

Chegando à segunda parte, em meados da obra, o conteúdo se qualifica nos detalhes das últimas reformas, e discorre sobre “COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E FORMAÇÃO AUTOFÁGICA”. O primeiro subtópico discute as parcerias que sustentaram o Novo Ensino Médio, e o remate da “autofagia” traz à tona uma verdade difícil de engolir sobre a “escolha” de itinerários na reforma. De acordo com eles:

[...]o risco que se corre é alargar ainda mais o fosso entre a formação oferecida pelos estabelecimentos escolares capazes de dar conta dos cinco itinerários – provavelmente escolas particulares – e as unidades que, sem investimento público, permanecerão precariamente inseridas na Reforma do Ensino Médio, tendo de se ajustar ao parcerias para o novo ensino médio imediatamente possível.[...]
(CECHINEL E MUELLER, 2022, p. 132)

Sobre o que sucede ao trecho acima, além da privatização da educação pública por meio dos vínculos de instituições privadas com o Ministério da Educação (MEC), é de se considerar o esvaziamento formativo das competências e habilidades descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Pois segundo os autores, as alterações recaem no abandono de disciplinas fundamentais e na formação de alunos acríticos, com o intuito único de qualificação profissional a curto prazo. As competências socioemocionais também aparecem na Parte II como algo a se repensar, pois segundo Cechinel e Mueller elas

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.7, n.1, e-747, 2023.

intentam a docilidade dos estudantes, já que mais do que uma preocupação formativa, parecem prezar a facilidade de “manuseio” que integra a hierarquia capitalista.

Posterior a isso, a segunda seção da Parte II adentra na temática dos “Projetos de vida e sonhos diurnos”. O tópico assim nomeado, aparentou surgir com a intenção de mostrar-nos o aspecto utópico que o “projeto de vida” citado na BNCC carrega, apesar de o documento não o explicitar. Segundo a obra, este item da Base acaba limitando as possibilidades dos estudantes, pois anula aquilo que é específico de cada ser, ao mesmo tempo que destrói o senso de comunidade. Isso ocorre, pois o intuito de projetar um futuro que ocorrerá em um mundo de constante transformação, seria incabível (o que não faz nada além de gerar a mínima noção do mercado de trabalho). Isso fica claro quando lembramos que o protagonismo e a autonomia, grandemente referenciados na Base, já são objetivos de toda educação.

O livro intensifica a pauta das competências socioemocionais, quando traz o terceiro subtítulo desta parte, debatendo o que chamam de “Competências terapêuticas para uma formação autofágica”. A posição colocada na obra, aponta para um resultado das competências citadas, que acaba ensinando a administração de si, em lugar de focar nos conteúdos e disciplinas que gerariam construções e transformações no mundo. Na atualidade do meio digital, para Cechinel e Mueller (2022, p.165) isso:

[...] trata-se de um panorama de dupla dependência: o sujeito não só articula quem é por meio de uma composição fantasmática e precária de sua personalidade nas mídias sociais, como vê-se paralelamente formado a partir daquilo que, mesmo sem perceber, já estabeleceu de antemão como seu horizonte formativo final, ou seja, a repetição celebrativa e sem maiores tensionamentos do quadro intelectual e afetivo que antecipadamente constitui os seus pensamentos, desejos e posições públicas.

Bem adiante, ao fazerem as considerações finais do livro, os autores questionam sobre a possibilidade de a formação espetacular ser uma espécie de “gestão algorítmica da docência”. Justificam a hipótese na educação por meios eletrônicos e nos dispositivos automáticos que vêm substituindo as funções dos educadores. Também citam as plataformas de conteúdos digitais e refletem que as mesmas oferecem informações, porém não substituem as vivências escolares e tudo que a educação em seus aspectos essenciais proporciona.

Depois de detalhadas leituras da obra, entende-se aqui que a espetacularização pode ser a problemática de contexto mundial, em todos os aspectos sociais, que mais tem causado divergências e alterações veladas na humanidade. Porém, o contexto brasileiro posterior às suas últimas reorganizações, colaborou para o agravamento deste movimento em nível nacional. Por fim, considera-se que a educação com seu objetivo primordial de formação humana é um dos aspectos mais afetados por esta onda de superficialidade ontológica, ao mesmo tempo que a entendemos como uma das melhores vias para a transformação da mesma situação. Então, caímos novamente em uma famosa armadilha do próprio espetáculo: a educação salvará!

Recebido: setembro/2023.

Publicado: dezembro/2023.